

## Alguns indícios sincrônicos da gramaticalização do conector *por causa (de) que*

Fabrizio Silva Amorim\*

**Resumo:** No português atual, a emergência da locução conjuntiva *por causa (de) que* representa um caso prototípico de gramaticalização. Paiva e Braga (2006) mostram que essa locução origina-se da locução prepositiva *por causa de*. Este artigo pretende atestar, a partir da análise de amostras de fala do português rural, a gramaticalização desse conector com base nos princípios propostos por Hopper (1991). Objetiva-se, ainda, comparar os resultados obtidos com os do trabalho supracitado, a fim de fornecer mais evidências que corroborem algumas hipóteses já aventadas a respeito da gramaticalização da locução *por causa (de) que*.

**Palavras-chave:** gramaticalização; princípios de Hopper (1991); conectores; causalidade.

**Abstract:** In the current Portuguese, the emergence of the conjunctive locution *por causa (de) que* (“by cause of that”) represents a prototypical grammaticalization case. Paiva & Braga (2006) demonstrate that this locution comes from the prepositional locution *por causa de* (because of). This article aims to demonstrate, by analyzing samples of rural Portuguese, the grammaticalization of this connector based on the principles proposed by Hopper (1991). It also aims to compare the results obtained to the ones presented in the aforementioned research, in order to provide more evidences which support some hypothesis already presented on the locution *por causa (de) que* (“by cause of that”) grammaticalization.

**Keywords:** Grammaticalization; principles of Hopper (1991); connectors; causality.

### Apresentação

No português atual, há grande variedade de conectores responsáveis pelo estabelecimento da relação de causalidade nos períodos complexos (cf. Neves, 2000). Entre eles, dada sua maior frequência de uso, destaca-se o conector *porque*, considerado a conjunção causal prototípica. Neste artigo, investiga-se a gramaticalização da locução conjuntiva *por causa (de) que*, que também se insere na classe dos conectores causais.

Paiva e Braga (2006) assinalam que essa locução conjuntiva origina-se da locução prepositiva *por causa de*. Essas autoras procedem a uma investigação comparativa das construções causais estruturadas a partir dos itens *por causa de*, *porque* e *por causa (de) que*, identificando, entre elas, convergências e divergências quanto a

---

\* Pós-Graduação em Língua e Cultura/UFBA.

aspectos gramaticais, semânticos e discursivos. Segundo essas autoras, a perífrase conjuncional *por causa (de) que* emerge de contextos em que é possível identificar a interseção de propriedades entre o conector *porque* e a locução prepositiva *por causa de*. No entanto, o referido trabalho não apresenta considerações mais definitivas acerca das hipóteses levantadas, em virtude da escassez de ocorrências da locução *por causa (de) que* no *corpus* analisado.

O artigo que ora se apresenta investiga, a partir da análise de outros *corpora*, as construções causais com *por causa (de) que* e *por causa de*, com base nos princípios de Hopper (1991). Assim, são apresentados alguns indícios sincrônicos que evidenciam o processo de gramaticalização que se instaura nessas construções. Além disso, no que concerne às locuções *por causa de* e *por causa (de) que*, comparam-se os resultados obtidos com os que foram apresentados por Paiva e Braga (2006), a fim de fornecer mais evidências a respeito de algumas hipóteses aventadas por essas autoras.

## 1 Os Dados Linguísticos

Foram selecionados como *corpora* deste trabalho amostras do português falado em regiões rurais da Bahia. Assim, parte dos dados foi encontrada na *Coleção Amostras da Língua Falada no Semi-Árido Baiano*, *corpus* organizado na Universidade Estadual de Feira de Santana – BA (UEFS), sob a coordenação das professoras Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro. A coleção é organizada em quatro volumes, cada um trazendo amostras de regiões diferentes do semi-árido baiano, a saber: zona rural de Anselino da Fonseca (Piemonte da Diamantina)<sup>1</sup>; zona rural de Rio de Contas (Chapada Diamantina); zona rural de Feira de Santana (Paraguaçu) e zona rural de Jeremoabo (Nordeste). Essas amostras foram coletadas no período de 1996 a 2002. Os demais dados foram encontrados em amostras do português falado em duas comunidades também rurais da Bahia – Sapé e Helvécia – catalogadas pelo *Projeto Vertentes*, desenvolvido na Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob a coordenação do professor Dante Lucchesi. As amostras desse projeto também foram coletadas no período de transição entre os séculos XX e XXI. Embora não se tenham

---

<sup>1</sup> Como não se encontraram ocorrências da locução *por causa (de) que* nesse volume, as amostras dessa região foram excluídas da análise.

considerado, nesta investigação, variáveis sociais, vale salientar que os informantes de ambos os *corpora* possuem baixa (até as séries iniciais do Ensino Fundamental II) ou nenhuma escolaridade, além de pertencerem a faixas etárias diversas. A distribuição dos dados por *corpus* pode ser vista na Tabela I abaixo:

**Tabela 1**  
**Distribuição dos dados por *corpus***

| <i>Corpus</i> /Comunidades                                    | Ocorrências |
|---|-------------|
| <i>Coleção Amostras da Língua Falada no Semi-Árido baiano</i> |             |
| Zona rural de Rio de Contas (Chapada Diamantina)              | 12          |
| Zona rural de Feira de Santana (Paraguaçu)                    | 01          |
| Zona rural de Jeremoabo (Nordeste)                            | 17          |
| <b>Subtotal</b>   | <b>30</b>   |
| <i>Projeto Vertentes</i>                                      |             |
| Helvécia  | 09          |
| Sapé  | 08          |
| <b>Subtotal</b>   | <b>17</b>   |
| <b>Total<sup>2</sup></b>                                      | <b>47</b>   |

## 2 A Gramaticalização

A abordagem teórica que orienta esta análise é a gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 1993), cujo enfoque é o processo de mudança que ocorre quando itens lexicais se tornam gramaticais ou, quando formas já gramaticalizadas, têm o seu estatuto gramatical intensificado.

---

<sup>2</sup> O baixo número de ocorrências da locução em análise parece caracterizar um processo de mudança ainda incipiente na língua (PAIVA, 2001, p. 38).

Hopper e Traugott (1993, p. 02) salientam que a gramaticalização tem sido estudada sob duas perspectivas: a diacrônica e a sincrônica. Tende-se a reconhecer o estudo da gramaticalização como eminentemente diacrônico, visto que, como processo de mudança linguística, sua descrição requer considerações históricas. Entretanto, pode-se considerar a gramaticalização como um fenômeno sintático-discursivo, o que licencia o seu estudo numa abordagem sincrônica, a partir da observação de padrões fluidos do uso linguístico. Os princípios de Hopper (1991), por exemplo, que serão descritos na seção a seguir, tem como base uma visão notadamente sincrônica do fenômeno. É possível, ainda, a conjugação dessas duas abordagens, conhecida como pancronia.

A formação histórica das conjunções em diferentes línguas representa exemplos bastante ilustrativos de processos de gramaticalização. Barreto (1999), por exemplo, descreve os processos de gramaticalização experimentados pelos 136 itens conjuncionais encontrados no *corpus* por ela consultado, constituído de amostras do português do século XIII ao século XX. Segundo Longhin-Thomazi (2003, p. 175), o português apresentou grande perda de conjunções latinas; daí ter havido muitos processos de gramaticalização, de modo que novos itens foram recrutados para codificar as relações gramaticais presentes nas conjunções perdidas.

O processo de emergência da locução *por causa (de) que* pode ser considerado um caso prototípico de gramaticalização. Como essa locução é utilizada para conectar orações que estabelecem entre si uma relação causal, caracteriza-se como um item com valor gramatical (conjuncional). Afirmar que *por causa (de) que* é gramatical pressupõe tratar-se de uma forma cuja função não se relaciona diretamente ao mundo bio-psíquico-social: conectar orações, explicitando a relação semântica (causa) instaurada entre elas, tem a ver com o universo gramatical.

Com base em sua constituição morfossintática e nos estudos de Paiva (2001) e Paiva e Braga (2006), torna-se possível postular o seguinte *continuum* de gramaticalização dessa locução:

|                             |   |                            |
|-----------------------------|---|----------------------------|
| <i>por causa de</i>         | ⇒ | <i>por causa (de) que.</i> |
| relação entre constituintes |   | relação entre orações      |

Assim, a locução prepositiva *por causa de* representa a forma fonte da locução conjuncional: nesse caso, tem-se a passagem de um item já gramatical para uma categoria mais gramatical.

A redução fonética, associada, por vezes, ao processo de dessemantização, costuma ser tratada como um indício de gramaticalização “avançada” (GONÇALVES et al., 2007, p. 34). Nos *corpora* aqui analisados, bem como nas amostras investigadas por Paiva e Braga (2006), é possível observar variantes da locução *por causa (de) que* que atestam a ocorrência de certa redução fonética: na grande maioria das ocorrências, a preposição *de* é apagada. Em alguns casos, é comum, também, o apagamento da preposição *por*. Semanticamente, observa-se, também, um certo “desgaste”, pois há casos em que a locução perde o traço de agentividade característico do nome *causa*, que lhe serve como base (cf. seção 3). Nesse caso, é possível detectar a presença de uma relação icônica da língua: “a redução fonológica parece atuar sobre a forma em gramaticalização para ajustá-la ao domínio dos itens gramaticais, cuja grande maioria apresenta pouca substância fonética, por conta do ‘pouco’ conteúdo de expressão” (GONÇALVES et al., 2007, p. 34). A Tabela 2 mostra a maior ocorrência de variantes com alguma redução fonética:

**Tabela 2**

**Variantes de *por causa (de) que***

| <b>Variante</b>         | <b>Ocorrência</b> | <b>(%)</b> |
|-------------------------|-------------------|------------|
| <i>por causa de que</i> | 03                | 6,4        |
| <i>por causa que</i>    | 25                | 53,2       |
| <i>por causo que</i>    | 13                | 27,6       |
| <i>causa que</i>        | 02                | 4,2        |
| <i>causo que</i>        | 04                | 8,5        |

No entanto, entre os dados encontrados, há dois que trazem problema à ideia de que a locução, por sofrer certa redução fonética, pelo menos do ponto de vista morfológico, estaria num estágio avançado de gramaticalização:

(1) Aí **por causa *mehmo* que** esse dinheiro num ia sair nem nada, ele também derligou.

(ALFSB, RC, MR)<sup>3</sup>

(2) Assim ó, eucalipe é tudo assim, é assim **por causa só que** tá naquele meim. (PV, H, 13)

Esses casos chamam a atenção por apresentarem elementos que se intercalam na locução *por causa que*, o que pode ser um indício de que ela não está totalmente gramaticalizada, como é o caso do conector causal prototípico *porque*.

### 3 Os Princípios de Hopper (1991) e o Caso do *Por Causa (De) Que*

Lehmann (1985 apud HOPPER, 1991, p. 21) propõe que uma forma em gramaticalização pode ser identificada a partir de cinco parâmetros:

1. Paradigmatização: o item em gramaticalização tende a participar, de maneira mais integrada, de um dado campo semântico, assumindo posição em um paradigma mais restrito.
2. Obrigatoriedade: a forma perde seu caráter opcional e assume valor obrigatório.
3. Condensação: o item tem a sua forma reduzida à medida que se gramaticaliza.
4. Coalescência: formas adjacentes tendem a fundir-se no decorrer do processo.
5. Fixação: o item perde liberdade sintática, ocupando uma posição fixa.

Hopper (1991, p. 21) reconhece a importância dos parâmetros acima para o estudo da gramaticalização, mas ressalta que eles não são de grande eficácia para o estudo de formas em estágios menos avançados de gramaticalização. Ou seja, para o autor, esses parâmetros só são aplicáveis, na íntegra, ao estudo de formas já bastante gramaticalizadas, como é o caso dos afixos, que já alcançaram o estágio de morfologização, por exemplo. Com o intuito de viabilizar a identificação da gramaticalização em estágios mais incipientes, Hopper (1991) propõe cinco princípios que, embora não tão inéditos, apresentam-se como bastante úteis para diagnosticar graus

---

<sup>3</sup> A identificação das amostras se dá da seguinte forma: a primeira sigla refere-se ao *corpus*; a segunda, à região ou comunidade catalogada e, por fim, tem-se a identificação do falante, que pode ser feita através da abreviação do seu nome ou através de algum número. Por exemplo, em “ALFSB, RC, MR”, tem-se: Amostras da Língua Falada no Semi-Árido Baiano, região de Rio de Contas, seguida da abreviação do nome do informante.

de gramaticalização de formas ou construções. A aplicação desses princípios não prevê, entretanto, que a forma em análise chegará a estágios avançados de gramaticalização, pois discriminam apenas estágios iniciais que podem, inclusive, confundir-se com outros tipos de mudança linguística.

A possibilidade de aplicação desses princípios ao caso da locução *por causa (de) que* atesta, em uma perspectiva sincrônica, a sua gramaticalização, conforme se vê abaixo.

### **Estratificação (Layering)**

O princípio de estratificação se manifesta quando formas diferentes coexistem em um mesmo domínio funcional (tempo, aspecto, caso etc.). Isso se deve à constante emergência de novas formas para funções que já dispõem de alguma configuração formal. Dessa maneira, as formas novas passam a conviver com as mais antigas, sem as descartar de imediato. Essa fase de coexistência, contudo, pode ser superada à medida que uma das formas se consagra como única possível no domínio funcional em que se insere. Enquanto isso não ocorre, passam a estabelecer uma relação de alternância que pode ser determinada por razões sociolinguísticas, por exemplo. Sobre esse princípio, Tavares (2003) destaca:

Os itens inovadores passam a conviver e a competir por espaço com os demais tanto na gramática dos indivíduos quanto na gramática da comunidade. Têm seu uso condicionado pela interação de motivações cognitivas, comunicativas, estruturais e sociais, que se constituem em armas que cada item possui, fazendo-o avançar, estacionar ou recuar em seu processo de mudança (p. 24).

Neste artigo, aventa-se a hipótese de que, no domínio funcional “relação lógico-semântica de causalidade”, no que concerne à conexão de orações, a locução *por causa (de) que* varia com a conjunção causal prototípica *porque*, caracterizando, portanto, um caso de estratificação. Embora existam outras formas conjuntivas responsáveis pela marcação de causalidade – *já que, visto que, como* etc. –, considera-se, nesta argumentação, apenas a conjunção prototípica *porque*, por ser ela a que, mormente, aparece, em amostras de língua falada, em contextos propícios ao uso do *por causa (de) que*.

Para dar suporte à hipótese acima, é preciso considerar propriedades semântico-discursivas que exibem a equivalência entre *porque* e *por causa (de) que*. Antes, fazem-se necessárias algumas considerações sobre a relação de causalidade.

Linguisticamente, a relação causal pode se manifestar através do ato de explicar ou através do ato de consecutar (PAIVA, 1991, p.08). No ato de explicar, o falante apresenta um fato X como origem ou motivação para um fato Y. No segundo caso, um fato é apresentado como consequência de outro. Na gramática tradicional, o primeiro ato corresponde às orações denominadas coordenadas explicativas e subordinadas adverbiais causais; o segundo, às coordenadas conclusivas e subordinadas consecutivas. Apesar de haver causalidade nos enunciados que configuram a consecução, interessa a este artigo apenas a relação causal manifestada através ato de explicar, que, grosso modo, pode codificar causa ampla ou causa estrita.

Sweetser (1990) propõe que a relação de causalidade se manifesta em três domínios distintos – o referencial, o epistêmico e o dos atos de fala. Segundo a autora,

Causal conjunction is in the speech-act domain, then, indicates causal explanation of a speech act being performed, while in the epistemic domain a causal conjunction will mark the cause of a belief or a conclusion, and in the content domain in will mark a “real-world” causality of an event. (SWEETSER, 1990, p. 81)<sup>4</sup>

Nesta investigação, identificaram-se ocorrências da locução *por causa (de) que* nos três domínios, como mostram os exemplos a seguir:

- (3) Os transporte agora tá bom, sabe? **Por causu que** colocou essas perua agora com esse sistema aí. (ALFSB, FS, H. G. L.)
- (4) Um monte de menina aí é tudo louca pa namorar comigo **por causa que** eu sou um cara inteligente, entendeu? (ALFSB, J, A. J. da S.)
- (5) Ô, menino! Ô...ô, Domingo abre...abre essa portêra aqui, pa mim, fazendo favô! **Por causa que** eu tô convesano com rapa'í...(PV, H, 6)

---

<sup>4</sup> Uma conjunção causal no domínio dos atos de fala indica, portanto, uma explicação do ato de fala sendo realizado, enquanto no domínio epistêmico uma conjunção causal marcará a causa de uma crença ou conclusão, e no domínio referencial marcará a causa, observável no mundo real, de um evento.

Em (3), uma causa real é estabelecida entre as duas orações: o fato de haver mais um meio de transporte (“essas perua”) pode ser apontado como causa efetiva da melhora a que o falante faz referência na oração efeito. Tem-se, nesse caso, uma relação causal estabelecida no domínio referencial. Em (4), entretanto, há uma noção mais ampla de causa, pois a relação de causalidade é estabelecida com base numa inferência do próprio falante (“Sou inteligente, logo muitas meninas querem me namorar”). Para Anscombe (1993 apud PAIVA, 1991), a cláusula “**por causa que** eu sou um cara inteligente” representa uma causa alegada, “a causa criada pelo falante no ato da enunciação, estabelecida a partir do seu julgamento acerca da relação entre os fatos” (p. 14); daí estar no domínio epistêmico. O enunciado (5) apresenta uma relação causal estabelecida no domínio dos atos de fala: a oração introduzida pela locução *por causa que* é, na realidade, uma justificativa para o ato de fala “pedido”, realizado na oração anterior.

Entretanto, conforme se vê na Tabela 3 abaixo, os enunciados (4) e (5)<sup>5</sup> representam os únicos exemplos encontrados para os seus respectivos domínios:

**Tabela 3**  
**Distribuição das cláusulas *por causa/causo (de) que* de acordo com o domínio da relação de causalidade**

| <b>Domínio</b>      | <b>Ocorrência</b> | <b>(%)</b> |
|---------------------|-------------------|------------|
| <b>Referencial</b>  | 45                | 95,7       |
| <b>Epistêmico</b>   | 01                | 2,1        |
| <b>Atos de fala</b> | 01                | 2,1        |
| <b>Total</b>        | 47                |            |

Assim, os dados acima evidenciam que a locução conjuntiva *por causa (de) que* parece especializar-se na expressão de causa estrita, estabelecida no domínio referencial. Os resultados apresentados por Paiva e Brava (2006, p. 83) também corroboram o fato de essa locução estar mais relacionada ao domínio referencial: todas as ocorrências (26) apresentadas pelas autoras estabelecem a relação de causalidade

---

<sup>5</sup> É válido salientar que o tipo de amostras analisadas não favorece a ocorrência de atos de fala diretivos. O mesmo se aplica para as amostras de Paiva e Braga (2010).

nesse domínio. Assim, como a base dessa locução é o nome *causa*, “parece ocorrer um processo segundo o qual a locução preserva a carga semântica da própria palavra ‘causa’ em seu sentido mais estrito, reservando o uso da locução conjuntiva para as situações em que se tem uma conexão causal mais estrita” (PAIVA; BRAGA, 2006, p. 84).

No entanto, o conector *porque* apresenta um comportamento mais polissêmico quanto à expressão de causalidade, conforme mostram Paiva e Braga (2010, p.61):

**Tabela 4**  
**Distribuição das cláusulas *porque* de acordo com o domínio da relação de causalidade.**

| <b>Domínio</b>      | <b>Ocorrência</b> | <b>(%)</b> |
|---------------------|-------------------|------------|
| <b>Referencial</b>  | 461               | 57,06      |
| <b>Epistêmico</b>   | 327               | 40,48      |
| <b>Atos de fala</b> | 20                | 2,46       |
| <b>Total</b>        | 808               |            |

A partir da observação dos dados apresentados nas tabelas 3 e 4, pode-se inferir que, para a identificação do princípio de estratificação no processo de gramaticalização da locução *por causa (de) que*, é preciso considerar os domínios de causalidade. Assim, considerando, sobretudo, o domínio referencial, as formas *porque* e *por causa (de) que* representam “formas alternantes de realização das categorias existentes dentro de um determinado domínio funcional na mesma etapa histórica de uma língua” (NARO; BRAGA; 2000, p. 129). Tem-se, portanto, um caso prototípico de estratificação.

### **Divergência (Divergence)**

Segundo o princípio da divergência, uma forma em gramaticalização coexiste com o item lexical que representa a sua forma fonte. Por se manter como um item lexical autônomo, essa forma fonte não está isenta de sofrer outros processos de mudança, podendo, inclusive, sofrer um novo processo de gramaticalização.

O princípio da divergência refere-se a formas que apresentam etimologia comum, mas funções diferentes (HOPPER, 1991, p. 24). Além de etimológica, essa semelhança

pode ser fonológica. Um exemplo bastante recorrente de divergência é o caso do verbo *ir* no português atual: em “*Vou à festa*” e “*Vou ficar na festa*”, a forma *vou*, embora seja fonologicamente idêntica, apresenta função distinta nas duas sentenças: seu uso com valor gramatical (deslocamento no tempo), ou seja, mais gramaticalizado, convive com o uso lexical (deslocamento no espaço).

O princípio da divergência também se aplica à emergência da locução *por causa (de) que*. Nesse caso, entretanto, não se tem uma forma fonte lexical convivendo com a forma gramatical dela originada, mas uma forma fonte já gramaticalizada: como se apontou acima, a locução prepositiva *por causa de* gramaticalizou-se ainda mais, dando origem à locução conjuntiva *por causa (de) que*. Nas amostras analisadas, por exemplo, foram encontradas 134 ocorrências da locução *por causa de*, o que atesta, portanto, sua coexistência com a forma mais gramaticalizada. No entanto, conforme prevê o princípio da divergência, essa coexistência é marcada por diferenças que podem ser sintáticas e/ou semântico-discursivas.

Lobo (2004, p. 37) assinala que a locução *por causa de*, além do seu uso como conector intraclausal, pode aparecer seguida de oração infinitiva, codificando sempre uma causa propriamente dita (domínio referencial). Nas amostras aqui analisadas, apenas 4% das ocorrências aparecem seguidas de oração infinitiva, como mostra o exemplo a seguir:

(6) E eu vim de novo de volta pra cá ***por causa da família ser grande***. (ALFSB, RC, FS)

A forma inovadora, de base *que*, não mantém esse padrão estrutural, sendo sempre seguida de oração finita. O enunciado (6) pode assim ser parafraseado:

(6a) E eu vim de volta pra cá ***por causa (de) que a família é grande***.

Nesse caso, observa-se que a divergência se manifesta no padrão da forma verbal esperado para a oração causal. Essa diferença, contudo, parece não refletir na relação de causa que se estabelece entre as orações precedidas por *por causa de* ou *por causa (de) que*: em ambos os casos, a causalidade tende a permanecer no domínio referencial (cf. seção a seguir).

Do ponto funcional-discursivo, podem-se identificar outras diferenças entre a locução *por causa de* – no seu uso como conector intraclausal – e a sua versão mais gramaticalizada. Desse modo, a alteração do segmento *por causa de* + *SN* para *por causa (de) que* + *oração finita*, em alguns casos, encontra restrições, como se observa abaixo:

(7) Meu marido me abandonô ***por causa daquela mulé.***(PV, S, 05)

A motivação do abandono é atribuída a um referente, sem que haja qualquer explicitação da ação por ele realizada. Conforme destacam Paiva e Braga (2006): “A maioria das características inerentes à noção de causa ficam ofuscadas em enunciados desse tipo: a própria ação, em consequência, a referencialidade temporal e, de certa forma, a noção de agentividade” (p. 80). O “abandono” não pode ser atribuído diretamente à “mulher”, é preciso, pois, que a relação causal seja interpretada através de inferências autorizadas pelo contexto em que a construção se insere.

Ao contrário, quando a locução *por causa de* é seguida por um nome deverbal, a alternância entre as duas estruturas parece ser favorecida:

(8) Só fui preso uma vez ***por causa de bagunça*** (PV, S, 02)

(8a) Só fui preso uma vez ***por causa (de) que baguncei.***

Apesar de a alternância poder ser possível em virtude de um aspecto morfológico, do ponto de vista funcional-discursivo, não há equivalência entre as estruturas. O uso da construção *por causa de* + *SN* permite destacar como causa o resultado da ação (“bagunça”). No caso do segmento *por causa (de) que* + *oração finita*, a causa assume um caráter mais dinâmico, recaindo a ênfase sobre o próprio ato de bagunçar. Vale salientar, ainda, que, nas construções com *por causa de* + *SN*, há perda do traço temporal implícito na relação de causalidade. Com isso, “a relação causal parece se situar em um plano metafórico, na medida em que se desvincula da ação.” (PAIVA; BRAGA, 2006, p. 81)

Os aspectos acima discutidos mostram, portanto, que, embora coexistentes, as formas *por causa de* e *por causa (de) que* podem estruturar o segmento causal sob

diferentes formas (SN, oração infinitiva, oração finita), o que, geralmente, resulta em divergência funcional-discursiva.

### **Especialização (Specialization)**

Um item em gramaticalização pode especializar-se na expressão de uma determinada noção gramatical. Assim, dentro de um domínio funcional, pode haver a redução do número de formas possíveis, à medida que uma delas se especializa na função de codificá-lo. Por conseguinte, tornando-se uma forma mais previsível naquele domínio, o item ou construção torna-se mais frequente, o que pode acentuar o seu processo de gramaticalização (BYBEE, 2003, 602). A especialização resulta, ainda, na diminuição ou extinção da variação entre itens linguísticos na expressão de uma mesma noção gramatical (TAVARES, 2003, p. 75).

Segundo Hopper (1991, p. 26), a especialização se dá através de um processo de generalização, em que uma forma linguística se especializa por abarcar todas as nuances semânticas do domínio funcional de que faz parte, levando-a a suprimir as demais formas do mesmo domínio. No entanto, Tavares (2003) admite a possibilidade de haver, também, a especialização por especificação, que ocorre quando

as formas adversárias adquirem significados mais específicos e/ou passam a ser empregadas em contextos semântico-pragmáticos e/ou morfossintáticos específicos, eliminando-se assim a competição. **Nesse caso, nenhuma forma seria excluída ou generalizada para cobrir todas as funções pertinentes a um domínio particular, mas cada uma seria empregada em certas funções e/ou contextos particulares pertinentes ao domínio.** (p. 74 – grifo acrescido)

Nessa perspectiva, pode-se apontar que a locução *por causa (de) que* é uma forma linguística candidata à especialização por especificação, uma vez que, no domínio funcional em que se insere, ela pode estar se especializando na expressão de uma das nuances da relação semântica de causa. Como se viu, os dados analisados (95,7 %) mostram que a locução conjuntiva *por causa (de) que* é utilizada quase categoricamente para estabelecer a relação de causalidade no domínio referencial. Por tudo isso, pode-se aventar a hipótese de que

a movimentação do *Sprep por causa de* do nível intra-oracional para o nível inter-oracional ocorreria principalmente no domínio referencial, enquanto o conector *porque* estaria se especializando na indicação de relações no nível da enunciação (epistêmico e atos de fala). Dessa forma, estaríamos observando um processo de restabelecimento de uma repartição funcional, obscurecida com o desaparecimento do conector *pois*, na modalidade oral.”(BRAGA; PAIVA, 2006, p. 83)

Observa-se, portanto, que a especialização, nesse caso, se dá por especificação: as formas *porque* e *por causa (de) que* estariam se especializando na expressão de noções específicas dentro do domínio de causalidade. Não há, a princípio, a eliminação de uma das formas, pois parece estar havendo uma “divisão de tarefas” no que tange à expressão de causalidade. No entanto, é válido destacar que esse processo de especialização encontra-se num estágio incipiente, visto que o conector *porque* ainda apresenta maior uso também no domínio referencial, conforme se observou na Tabela 4 acima.

### **Persistência (Persistence)**

Em estágios não muito avançados de gramaticalização, um item ou construção gramatical tende a manter traços semânticos e funcionais da forma fonte. Geralmente, a forma em gramaticalização é polissêmica, e um ou mais de seus significados podem refletir traços de significados anteriores, capazes de interferir, inclusive, na sua distribuição gramatical.

Assim, observa-se que, na locução *por causa (de) que*, mais gramaticalizada, persistem propriedades semântico-discursivas da sua forma fonte, o que se reflete na sua distribuição gramatical. Nas amostras analisadas, 95,5% (128) das ocorrências de *por causa de* estabelecem relações causais no domínio referencial. Da mesma forma, conforme se apresentou acima, 95,7% dos casos de *por causa (de) que* também localizam a relação de causalidade nesse domínio. Essa semelhança se estende, ainda, a aspectos gramaticais. Dessa forma, a fim de evidenciar algumas propriedades compartilhadas pela locução prepositiva *por causa de* e a locução conjuntiva *por causa (de) que*, analisaram-se, nas amostras consultadas, os seguintes aspectos: a ordenação do segmento causal, o seu estatuto informacional e a correlação modo-temporal das construções causais.

Quanto à disposição sintagmática, verifica-se que os segmentos causais apresentam certa flexibilidade, podendo antepor-se ou pospor-se ao segmento efeito, tanto no nível intra-clausal quanto nos períodos complexos:

(9) **Agora por causa qu'eu tenho minha posentadoria**, eles me vende qualquer coisinha fiado. (ALFSB, RC, M. I. S.)

(10)... **por causa do cravo** não prantaro mandioca. (PV, S, 10)

(11) Dia de hoje tá melhor **por causa que hoje tem... tem estrada pra tudo quanto é canto**. (ALFSB, RC, G. G. L.)

(12) Fiz só a terceira série, eu parei **por causa de trabalho**. (ALFSB, RC, J. A. M.)

Entretanto, a partir da observação da Tabela 5 a seguir, verifica-se que a posição do segmento causal ao segmento efeito representa a ordem não marcada nas construções causais com *por causa de* e *por causa (de) que*. O mesmo é atestado para as construções com *porque* (Cf. NEVES, 2000; PAIVA, 1991).

**Tabela 5**  
**Ordenação do segmento causal**

| Forma                     | Anteposição | (%)  | Posposição | (%)  |
|---------------------------|-------------|------|------------|------|
| <b>Por causa de</b>       | 15          | 11,2 | 119        | 88,8 |
| <b>Por causa (de) que</b> | 04          | 8,5  | 43         | 91,5 |

A análise do estatuto informacional do segmento causal também demonstra que essas formas apresentam, na maioria dos casos, função discursiva idêntica, a de serem pontos de introdução de informação nova:

**Tabela 6**  
**Estatuto informacional do segmento causal**

| Forma                     | Nova | (%)   | Velha ou Inferível | (%)   |
|---------------------------|------|-------|--------------------|-------|
| <b>Por causa de</b>       | 85   | 63,4% | 49                 | 36,6% |
| <b>Por causa (de) que</b> | 43   | 91,5% | 04                 | 8,5%  |

O cruzamento dos resultados exibidos nas tabelas 5 e 6 corrobora a hipótese de que a ordenação de cláusulas tem a ver com o tipo de informação (nova/velha) por ela veiculada, como mostra Paiva (1991) a respeito das orações causais introduzidas pelo conector *porque*:

A ordenação das cláusulas na organização dos enunciados é restrita também pela estrutura de informação do texto. A codificação de informação no discurso se faz, em geral, de acordo com um princípio de que a informação já compartilhada pelos interlocutores precede a informação nova, não compartilhada. Assim como continuidade tópica, esse princípio explica diversos fenômenos lingüísticos, apontando a indissociabilidade entre sintaxe e discurso. A transposição deste princípio para a organização dos enunciados prediz que cláusulas [causais] com informação nova serão mais propensas à posposição, enquanto cláusulas com informação velha serão propensas à anteposição. (p. 74)

Quanto à correlação modo temporal, verificou-se que 48,9% (23) das construções com *por causa (de) que* relacionam, com mais frequência, verbo no presente do indicativo na cláusula causal e verbo no presente do indicativo na cláusula efeito. Nos períodos simples com a locução *por causa de* houve uma ligeira diferenciação em relação a esse resultado: 41 % (55) dos verbos do segmento efeito se apresentam no pretérito perfeito, enquanto 33,6% (45) estão no presente do indicativo. Ainda que seja tênue, essa diferença não permite afirmar que, do ponto de vista da correlação modo-temporal, há persistência de propriedades entre *por causa de* e sua forma mais gramaticalizada. A tendência observada nos períodos complexos com *por causa (de) que*, contudo, encontra paralelo nas construções com *porque*, em que predomina igualmente a correlação presente/presente (PAIVA; BRAGA; 2010, p. 61).

É preciso salientar que a diferença quanto à correlação modo-temporal não invalida a notável presença do princípio da persistência no processo de gramaticalização da locução *por causa (de) que*. Para a continuidade do processo de gramaticalização, pelo menos em estágios iniciais, há sempre um jogo de preservação e perda de propriedades gramaticais, semânticas e funcional-discursivas da forma fonte.

### **Decategorização (De-categorialization)**

Uma forma em gramaticalização perde, gradualmente, traços de categorialidade em relação à classe a que pertencia e ganha outros, característicos de categorias mais gramaticais. Perdendo os traços característicos de formas lexicais (marcas morfológicas, por exemplo), o item ou construção gramatical sofre, ainda, restrições quanto à sua autonomia discursiva.

A decategorização também faz parte do processo de gramaticalização da locução conjuntiva *por causa (de) que*, cuja emergência se deve a um deslocamento categorial – e funcional – sofrido pela locução prepositiva *por causa de*. De acordo com Paiva e Braga (2006), tal deslocamento teve como ponto de partida o compartilhamento de propriedades gramaticais e semântico-discursivas entre a locução prepositiva e o conector causal prototípico *porque*.

Na seção anterior, constatou-se que alguns traços da forma fonte se mantêm na forma mais gramaticalizada *por causa (de) que*. Contudo, a passagem da classe das locuções prepositivas para a categoria das conjunções resultou na perda de outros traços. Na seção em que se tratou do princípio da divergência, foram apresentadas divergências funcionais que poderiam aqui ser retomadas como parte do processo de decategorização. Assim, nas construções com *por causa (de) que* + *SN*, a causa de um estado ou um processo é atribuída diretamente ao resultado de um processo ou ação. Conforme já assinalado, esse traço se perde nos segmentos causais introduzidos pelo conector *por causa (de) que* (PAIVA, 1998, p. 103).

Do ponto de vista semântico, o segmento *por causa de* + *SN* expressa uma acentuada noção de agentividade, responsável por atribuir a algo ou a alguém a razão de ser de determinado estado de coisas. Entretanto, essa noção pode ser neutralizada nos usos da locução conjuntiva que dela se originou (PAIVA; BRAGA, 2006, p. 84). Em (10) e (11) abaixo, é possível perceber que o segmento causal carrega uma forte noção de agentividade em relação ao estado de coisas expresso no segmento efeito.

(13) Eu sentino muita dor ***por causo de infecção*** (ALFSB, J, M. M. da S.)

(14) Fico em casa parada ***por causa do problema de acidente*** (ALFSB, FS, A. O.)

No entanto, nas orações encabeçadas pela locução conjuntiva *por causa (de) que*, a relação de agentividade entre o segmento causal e o segmento efeito é, na maioria dos casos, neutralizada:

(15) Ninguém num saia pra rua tarde da noite não, ***por causa que tinha cisma dessas coisa***. (ALFSB, RC, G. G. L.)

Nesse caso, a causa do fato de as pessoas não saírem à noite não se codifica em algo ou alguém propriamente dito: trata-se, na realidade, de um estado de coisas [–dinâmico]. Dessa forma, pode-se inferir que há, nas construções causais com *por causa de*, referência a um “causador”, o que parece ter se perdido no processo de gramaticalização, já que, em construções com *por causa (de) que*, há um enfraquecimento da noção de agentividade inerente ao item lexical *causa*, base da locução.

#### 4 Considerações Finais

A emergência da locução conjuntiva *por causa (de) que* ilustra um processo prototípico de gramaticalização, visto que atende aos princípios propostos por Hopper (1991), que visam a atestar, sincronicamente, a gramaticalização de formas em estágios iniciais.

Com base na apreciação dos dados aqui discutidos, é possível manter a validade de algumas das hipóteses aventadas em Paiva e Braga (2006), a saber:

a) o deslocamento categorial e funcional da locução prepositiva *por causa de* para a classe das conjunções instancia-se num ponto de interseção de propriedades semânticas e gramaticais entre essa locução e o conector *porque*;

b) A especialização da locução conjuntiva *por causa (de) que* pode representar uma “divisão de tarefas” no domínio de causalidade, obscurecida com o desaparecimento da conjunção *pois* do discurso oral: a locução *por causa (de) que* estaria se especializando na expressão da noção de causa estrita (domínio referencial),

enquanto o conector *porque* expressaria noções causais mais amplas (domínio epistêmico e domínio dos atos de fala)<sup>6</sup>.

Como as amostras analisadas não ofereceram um número significativo de dados, não se pretendeu, nesta investigação, ratificar essas hipóteses, mas, conforme se assinalou acima, evidenciar sua validade.

Sobre o tema aqui abordado, espera-se apresentar resultados mais precisos e menos parciais na conclusão da pesquisa (Dissertação de Mestrado) intitulada “Construções causais com *por causa (de) que*: um caso de gramaticalização”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA, sob a orientação da professora Sônia Bastos Borba Costa.

### Referências Bibliográficas

BARRETO, Therezinha. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. 1999. 493 f. Tese (Doutorado em Linguística). PPGLL. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B., JANDA, R. **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (orgs.). **Introdução à Gramaticalização**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

\_\_\_\_\_; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. **A Gramaticalização da perífrase conjuncional ‘só que’**. 2003. 217 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade de Campinas, Campinas, 2003.

LOPES, M. H. C. C. **Aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos das construções causais: contributo para uma reflexão sobre o ensino da gramática**. 2004. 365 f.

---

<sup>6</sup> Não se deve perder de vista que, no português atual, o conector *porque* ainda é bastante multifuncional, expressando noções de causalidade estabelecidas nos diferentes domínios.

Tese (Doutorado em Linguística) .Faculdade de Letras. Universidade do Porto, Porto, 2004.

NARO, A.; BRAGA, M. L. **A interface sociolingüística/gramaticalização**. Gragoatá, n.9, Niterói. p.125-134, 2000.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2000.

PAIVA, M. C. **Ordenação de cláusulas causais: forma e função**. 1991. 232 f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

\_\_\_\_\_. Maria da Conceição de. Variação e especificidades funcionais no domínio da causalidade. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 7, n. 2, Belo Horizonte. p. 89-108. 1998.

\_\_\_\_\_. Gramaticalização de conectores no português do Brasil. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p.35-46, 2001.

\_\_\_\_\_; BRAGA, M. L. **Conjunções lexicais e gramaticais: o caso de *por causa de***. Gragoatá (UFF), v. 21, p. 73-86, 2006.

\_\_\_\_\_. Cláusulas introduzidas por porque: da sintaxe ao discurso. In: Maria Cecilia M. Mollica. (Org.). **Usos da linguagem e sua relação com a mente humana**. 1 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010. p. 55-70.

SWEETSER, Eve. **From etymology to pragmatics**. Cambridge: Cambridge University, 1990.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. 2003. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística). CCE. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.